

CARLOS FEDERICO BUONFIGLIO DOWLING

FELIZES SÃO OS TOUROS
OU
LA PETITE MORT

1ª Edição

JOÃO PESSOA – PB
Edição do Autor
2012

978-85-914556-3-8
Número de ISBN

Felizes São os Touros

ou

La Petite Mort

Roteiro para filme ficcional em longa-metragem

Por **Carlos F. Buonfiglio Dowling**.

4º tratamento: finalizado em 11 de maio de 2004.

1. Exterior. Dia. Rua frontal à banco.

Uma turba de office-boys forma uma fila atribulada na rua frontal a um banco. Numa algazarra sem viço, disputam lugares à espera da abertura da agência bancária.

2. Exterior. Dia. Corredor de matadouro.

Um boi segue descendo o corredor do estábulo de um matadouro, se debate contra as cercas de madeira. Bufa excitado.

TOMÁS (OFF)

"Por que tão longe dos deuses? Talvez por perguntá-lo. E o quê? O homem é o animal que pergunta".

3. Exterior. Dia. Engarrafamento matinal.

Dois moto-boys cruzam suas motos entre carros parados, costurando o trânsito em alta velocidade. Um deles leva o capacete no cotovelo, o outro o leva posto na cabeça. Comunicam-se com códigos e falas inaudíveis pelo ruído do trânsito.

4. Exterior. Dia. Matadouro.

O boi excitado continua o trajeto pelo corredor de abate, respirando profundamente. Pára no meio do trajeto, empaca, recua pressentindo o abate. O boi leva o olhar esbugalhado, atento. É picado no lombo para prosseguir o trajeto.

5. Exterior. Dia. Rua frontal à porta de banco.

Os dois moto-boys estacionam as motos freando pneus próximos à longa fila de office-boys. Teófilo prende rápido o capacete no lombo da moto e segue em direção ao banco. Lúcio faz o mesmo, porém um pouco mais vagaroso. Teófilo segue andando em direção à fila do banco e dirige-se rápido a um boy negro no fim da fila, que traja a habitual roupa social sem charme. O boy e Teófilo cumprimentam-se num aperto de mãos de toque punho com punho, Lúcio passa por eles, vê algo na gravata de Isaú, o office-boy negro que cumprimenta Teófilo. Lúcio aponta para o peito de Isaú, que abaixa a vista e a cabeça seguindo o dedo apontado no seu peito, e tem em resposta a mão em zombaria do mesmo Lúcio roçando seu queixo com violência. A dupla de moto-boys graceja e segue em passo rápido para a entrada dos fundos do banco. Isaú nota uma mancha em sua gravata azul, e fica esfregando-a, tentando limpar a mancha de marmelada. O banco abre suas portas, a fila começa andar, vagarosa pelo rigoroso sistema de inspeção detector de metais da porta de entrada.

6. Tela Título.

Em fundo preto, surgem as letras que identificam o filme: "Felizes São os Touros - ou - Le Petit Mort"

TOMÁS (OFF)

"O dia em que verdadeiramente soubermos perguntar, haverá diálogo. Por hora as perguntas nos distanciam vertiginosamente das respostas".

7. Exterior. Dia. Parapeito de edifício.

Um corpo inerte é equilibrado, seguro à beira do parapeito, observa o caminho da queda, medindo-o.

TOMÁS (OFF)

"Há que abrir de par em par as janelas e jogar tudo na rua, mas sobretudo há que jogar também a janela, e nós com ela."

8. Exterior. Dia. Matadouro.

O boi chega ao final de seu trajeto de abate, debate-se contra o a mureta final de contenção. Arfante tenta voltar. Uma trava de madeira cai, impedindo retorno. A cabeça de uma marreta surge à altura do meio de seus olhos.

TOMÁS (OFF)

"É a morte, ou sair voando. Há que fazê-lo, de alguma maneira há que fazê-lo."

9. Exterior. Dia. Parapeito de edifício.

O corpo seguro na borda do parapeito hesita um instante, recua brevemente, sua gravata azul debate-se ao vento, revelando uma mancha rubra de marmelada. O corpo é arremessado ao vazio da queda.

TOMÁS (OFF)

"Ter o valor de entrar no meio das festas e pôr sobre a cabeça da relampagueante dona da casa um bonito sapo verde, presente da noite, e assistir sem horror a vingança dos lacaios ¹".

10. Exterior. Dia. Matadouro.

O boi pisca lentamente observando a marreta. A marreta dança duas breves subidas, centrando o alvo entre os olhos do boi, que bufa em compasso lento e tenso. A marreta sobe ligeira, retorna em golpe contundente na cabeça do touro.

11. Interior. Dia. Escritório.

Ao redor de uma mesa de escritório decorada com bom gosto, três jovens executivos e duas atraentes mulheres de

¹ In **RAYUELA (1963)**, Julio Cortázar.

negócios estão sentados de frente a um senhor mais velho. Um dos executivos oferece chá ao senhor, de quem não vemos o rosto. Todos se servem e mexem o chá em compassos tranqüilos.

EXECUTIVO

Esse é do Ceilão, e crestado.

O senhor faz cálculos em uma calculadora eletrônica enquanto põe mais um cubo de açúcar em sua xícara de chá e o dissolve. Logo anota algo num bloco de papel e o vira para o executivo, que pega o papel e observa a nota escrita pelo senhor.

EXECUTIVO

Hummm... três milhões de superávit no primeiro ano fiscal?!

O senhor afirma positiva e calmamente com a cabeça. O executivo passa o papel para o colega executivo.

EXECUTIVO

Nota a tendência de projeção de 3,5% ao ano. Incrível...

Os executivos tomam atenciosas notas.

12. Interior. Noite. Banheiro do matadouro.

Lorenzo, o matador do boi, está empapado de suor e sangue do animal sacrificado. Tira a roupa, aciona o chuveiro que libera um fraco jato d'água. Lorenzo banha-se nu, enquanto entra no banheiro um homem uns vinte anos mais

jovem do que ele. Observam-se em silêncio enquanto Lourenço se enxuga.

JUAN

Que me contas do último dia antes do jubileu?

Lorenzo tarda a responder enquanto se enxuga. Só fala quando pendura a toalha.

LORENZO

Sabe que não quero me aposentar.

JUAN

Sem opções, caro. Pelo menos você tem pensão para receber.

LORENZO

Bosta de pensão.

JUAN

Eu que estou fodido. Não tenho onde enfiar a fuça, treze anos como servidor do matadouro, e agora o que? Não sei fazer mais nada.

Os dois falam enquanto saem e vão fechando o banheiro.

LORENZO

Não quero fazer outra coisa. Por que fecham?

JUAN

*"Contenção de gastos municipais".
Bullshit, sabe como dizem os gringos?
Bosta de touro.*

Juan solta uma única alta e desacompanhada gargalhada com sua piada fraca.

13. Interior. Noite. Corredor principal do matadouro.

Juan e Lorenzo caminham apagando as luzes, fechando portas.

JUAN

Mas bem que fazia uns anos que isso não se pagava. Sangraste hoje o último animal.

LORENZO

E que vão fazer daqui?

JUAN

Um refúgio para velhos, coisa assim.

LORENZO

Bosta de caridade. E vão comer carne de onde, dos velhos por acaso?

Os dois riem riso tenso e breve.

JUAN

Os hipermercados estão malhando o serviço das carnes. Lembra o Alfonso?

*Trabalha num Carrefour faz uns anos.
Devia ter saído junto.*

14. Exterior. Noite. Fachada do matadouro.

Lorenzo e Juan fecham juntos a porta central do matadouro. Olham a fechada, depois se entreolham. Apertam as mãos, que contagia um cálido último abraço.

JUAN

Deseja-me sorte, compadre. Dia desses nos vemos.

LORENZO

*Você sabe que não nos vemos mais.
Segue com sorte.*

Juan segue andando. Lorenzo fica imóvel frente à fachada do prédio do velho matadouro. Tira um maço de cigarros do bolso da camisa. Saca o último cigarro do maço, põe-no na boca, tira um isqueiro velho do bolso da calça. Aciona o isqueiro, que apesar de soltar chispas, não faz chama. Senta na escada do matadouro, olha a lua com o cigarro na boca.

15. Exterior. Dia. Fachada do matadouro.

Uma comitiva de velhas senhoras conduzidas por uma mulher gorda de seus trinta e tantos anos, vestida em sóbrios tons escuros, surge em visita ao antigo matadouro. Lorenzo dorme encolhido na escada, leva o cigarro pendurado na boca e desperta com o murmurinho da comitiva das

senhoras. Lorenzo olha-as despertando, elas olham para o imóvel do antigo matadouro por cima de seus muros, fazem comentários animadas. Desgarrada do bando de anciãs segue Aída, mulher alta e magra de quase setenta anos. Está vestida num vestido lilás e um lenço vermelho nos longos cabelos brancos. Lorenzo levanta-se e se recompõe.

MATILDA

Essa será a porta central, logo ali a sala da direção e o pátio.

Aída não ouve as explicações de Matilda, olha diretamente ao sol, cobrindo os olhos. Lorenzo aproxima-se dela trazendo o cigarro na mão.

LORENZO

Tem fogo?

Aída não responde, olha-o intensamente, e segue andando atrás do grupo que parte. Lorenzo fica só, olha o cigarro que leva desde a noite anterior, joga-o ao chão, pisa o cigarro.

16. Interior. Dia. Sala paroquial.

Matilda sentada atrás de um birô pita um cigarro, enquanto confere notas em periódico. Batem na porta da sala. Matilda, pega de surpresa com o cigarro, apaga-o em um cinzeiro dentro da gaveta, abana a fumaça, borrifa uma loção desodorizadora barata na sala, enquanto dirige-se à porta. Matilda Suspira afobada, e logo abre a porta. Lorenzo está parado a sua frente.

MATILDA

Pois, não. O que deseja?

LORENZO

Tinha algumas dúvidas para esclarecer. Posso entrar?

MATILDA

Ah, sim, pois não. Desculpe não ter convidado, são tantas coisas na cabeça.

Matilda conduz Lorenzo pela sala, oferece-lhe uma cadeira em frente ao birô.

MATILDA

Então senhor, como se chama?

LORENZO

Lorenzo, chama-me Lorenzo.

MATILDA

Senhor Lorenzo, então em que posso servir?

LORENZO

Soube do projeto do asilo preparado pela paróquia, e fiquei curioso.

MATILDA

Mas é um asilo de senhoras, não teríamos vagas para o senhor.

LORENZO

Não, não para mim.

MATILDA

Sua senhora, então. Só poderia prometer para o segundo semestre, estamos com poucas vagas, dependemos de aprontar a nova sede, entende?

LORENZO

Não tenho senhora, moça.

MATILDA

Perdoe, não entendo então o interesse.

LORENZO

Curiosidade.

MATILDA

Sigo sem entender.

LORENZO

Aceitam doações?

MATILDA

Ah, claro, porque não perguntei logo. E tudo o que falta para a instalação da nova sede. Perdoe, nem ofereci um café, ou água.

LORENZO

No matadouro?

MATILDA

Sim, já ouviu falar, não é? Falta só o dinheiro para as reformas básicas e as pinturas.

LORENZO

Como se chama uma mulher alta e magra?

MATILDA

Mulher? Que mulher?

LORENZO

Uma interna, alta, magra, cabelos brancos, lenço vermelho, andando só.

MATILDA

Ahn, alta e magra? Só pode ser Aída, a estrangeira, pobre louca.

LORENZO

Estrangeira de onde?

MATILDA

Me disseram Polônia, ou de por lá. E é uma das que devia estar no manicômio, mas chegou a tanto, tão só, nem um parente. Nem fala nada, com ninguém. Mas onde estávamos, mesmo? Ah, no processo das doações, não é mesmo?

LORENZO

Havia perguntado.

MATILDA

É simples, nem podendo ser mais rápido e direto: depósito bancário anônimo no Banco da Província. A doação anônima foi uma sugestão de um primo de um genro meu, sabe como é, que é secretário do segundo escalão na câmara municipal, que disse que para doações políticas é mais fácil anônimo, se é que me entende, sobras de campanha. Quanto pensa em doar?

LORENZO

Em quanto tempo ocupam o antigo matadouro?

MATILDA

Só depende do montante que falta, logo, logo nos despejam da escola do bairro, começam as aulas, sabes?

LORENZO

Sei.

Lorenzo se levanta, segue em direção a porta.

LORENZO

Agradeço a atenção.

Matilda rabisca um papel e o segue.

MATILDA

Olha, anotei o número da conta e da agência do banco, para que te seja mais fácil e não esqueça da doação.

Lorenzo olha a nota e guarda-a enquanto sai em silêncio. Matilda olha com estranhamento a porta recém fechada.

17. Interior. Dia. Fila bancária.

Lorenzo em pé em uma grande fila de banco. Não segue a fila um tanto menor reservada para idosos, convalescentes e deficientes. Lorenzo tira um pedaço de papel do bolso, observa-o enquanto um jovem enfardado dirige-se a ele.

FUNCIONÁRIO ESTAGIÁRIO

Senhor, pode passar para o atendimento preferencial.

LORENZO

Não é necessário. Estou bem aqui.

O moleque afasta-se, Lorenzo continua olhando o pedaço de papel. Logo chega sua vez de atendimento.

CAIXA

Pois não.

LORENZO

Sacar pensão de previdência.

Lorenzo deixa sua carta de identidade, juntamente com um boleto com o caixa. Em seguida o caixa entrega o dinheiro a Lorenzo.

LORENZO

Um guia de depósito, faz favor.

CAIXA

Aqui senhor.

Lorenzo faz menção de sair do caixa e voltar à fila.

CAIXA

Senhor, não tem de fazer mais a fila.

Pode depositar aqui direto.

LORENZO

Não, obrigado. Estou bem assim.

Lorenzo volta ao fim da grande fila, conta o dinheiro, divide-o em dois montes, guarda um no bolso, leva o outro para depósito.

18. Exterior. Dia. Fachada de matadouro.

Lorenzo observa a movimentação no pátio interno do antigo matadouro. Três pedreiros trabalham no local, um raspando as paredes escuras, outro empilhando azulejos, outro pintando uma porta. Lorenzo os observa por alguns instantes.

19. Interior. Dia. Quarto de asilo.

Em um quarto novo com mobílias funcionais de segunda mão, uma senhora deitada em uma das duas camas do recinto, olha fixamente o teto sem pestanejar. Uma funcionária

jovem, com uniforme do asilo, entra no quarto e deixa uma maleta encima da cama vazia, logo deixando o quarto. Logo volta a entrar conduzindo Aída, que olha as paredes brancas, o chão branco, as cômodas claras. Protege a vista da claridade. A senhora deitada numa das camas permanece imóvel, olhando o teto.

FUNCIONÁRIA

Aqui Aída, é teu quarto. Ninguém tava te aceitando como companheira, e ai sobra para a muda Nora. Não vai se incomodar contigo, loca com loca, boa parelha (riso).

Aída pára em pé ao lado da cama de Nora, olha-a fixamente, ajoelha-se e aproxima-se do seu rosto. Nora segue olhando o teto, ignora as presenças no quarto. Aída toca com a ponta do dedo indicador na testa de Nora, escorrega o seu dedo em linha reta por seu rosto, até o queixo.

FUNCIONÁRIA

Que sujeira é essa. Pára, Aída.

A funcionária recolhe Aída pelos ombros, levantando-a e logo a fazendo sentar em sua cama. A funcionária deixa as duas sozinhas no quarto. Aída olha sua maleta, Nora olha o teto.

20. Exterior. Tarde. Fachada do asilo.

Lorenzo sobe a rua apressado, dirige-se ao portão central do asilo recém inaugurado, antigo matadouro. O portão está sendo fechado por Matilda.

MATILDA

Fechando, amigo. Agora só amanhã.

Lorenzo fica impassível, rosto quase colado ao portão.

MATILDA

*Mas não é o amigo que deseja doar?
Como anda?*

LORENZO

Bem.

MATILDA

Procura alguém?

LORENZO

Visita simples.

Lorenzo afasta-se do portão. Anda em direção oposta.

MATILDA

*Nove horas, senhor, as nove da manhã
recomeça o horário das visitas.*

21. Interior/Exterior. Dia. Pátio interno do asilo.

A funcionária do asilo boceja recém desperta em frente à porta central do asilo. Leva um molho de chaves na mão, que fazem um som estridente e moroso. A funcionária anda

até a porta central, fica em dúvida entre duas das chaves, até que consegue encaixar uma na fechadura. Roda-a duas vezes em direção horária, até que a porta abre. Lorenzo espera defronte à porta, a funcionária observa-o por um instante, apertando os olhos pela claridade que entra pela porta.

22. Interior. Dia. Corredor do asilo.

A Funcionária conduz Lorenzo pelo asilo recém montado em seu antigo matadouro de tantos anos de trabalho. Lorenzo observa atento os detalhes do local.

BERTA

Deve estar enganado, moço, digo, senhor. Aída?

LORENZO

Sim, acho que é Aída o nome.

BERTA

Pois saiba que é a primeira visita para ela desde que trabalho como assistente paroquial vicinal, e olhe que faz tempo.

Lorenzo se detêm numa marca na parede no fim do corredor. Berta nota que não é seguida e retorna.

BERTA

Então, ninguém conseguiu tirar, nem com aguarrás, nem lixando. É meio tétrico

LORENZO

É o código de marcação de vigilância.

BERTA

Vigilância de quê?

LORENZO

Dos animais.

BERTA

Para quê serve?

LORENZO

Para não perder a conta, para manter as cabeças emparelhadas, no lugar.

23. Exterior. Dia. Pátio interno do asilo.

Lorenzo aguarda sentado frente a uma mesinha no pátio central do asilo, localizado no grande vão onde antes executava os animais. Olha resignado o local. Berta surge conduzindo Aída pela mão.

BERTA

Ali, Aída, olha tua visita.

Berta posiciona Aída sentada frente a Lorenzo na mesa de jardim. Aída olha Lorenzo intensamente. Lorenzo dissimula, desviando o olhar e olhando o chão escuro de musgos e do sangue oxidado, que contrasta com a luminosidade planejada para aquele jardim.

BERTA

Qual o grau de parentesco? Se mal pergunte.

Lorenzo olha assustado para Berta, logo para Aída, logo para Berta, num silêncio tenso e constrangedor.

LORENZO

É que, somos meio que...

AÍDA

Irmãos. Meio irmãos.

BERTA

Mas meu Jesus do céu, não é que a louca fala... perdoem. Como Matilda vai rir disso.

Berta se levanta apressada e deixa o pátio. Lorenzo baixa a vista para o chão, Aída o olha intensamente. Ficam assim por alguns instantes. Até que Aída começa a cantarolar baixinho uma melodia, inicialmente indecifrável, que chama a atenção e a vista de Lorenzo, que passa a olhá-la. A cantiga gradativamente aumenta de tom, é uma música alegre, loa de teatro de revista cantada em polonês.

LORENZO

*Sinto muita falta dos bois, sabe.
Muita.*

Aída não o ouve, não interrompe o canto, ao contrário, segue com a suave canção nostálgica.

LORENZO

Estranho se me dissessem que fariam tanta falta, uns ruminantes à toa, e um trabalho desse de besta. Mas é só o que queria poder agora, esfolar algo que fosse.

Aída canta em transe suave. Berta e Matilda chegam ao pátio e observam a cena. Lorenzo dissimula o olhar, passa a olhar o chão.

24. Exterior. Dia. Fachada do asilo.

Lorenzo deixa o asilo, atravessa a rua, pára na calçada frontal e olha a fachada do asilo. Fica assim por poucos instantes, e volta a andar afastando-se do asilo.

25. Interior. Dia. Quarto de Aída.

Aída está sentada na cama, olha-se no espelho da cômoda, arruma o lenço rubro que prende seus cabelos brancos. Acaricia as maçãs do rosto. Nora está deitada na cama ao seu lado, olha fixamente o teto. Berta entra no quarto.

BERTA

Pronto, senhora. Aqui de novo o parente encantado. E pede visita no quarto.

Berta vai até Nora, levanta-a.

BERTA

Vem Nora, vamos dar uma volta ao sol.

Berta apóia Nora, que levanta e anda automaticamente deixando o quarto. Cruzam com Lorenzo que entra no quarto de Aída. Lorenzo sente aos pés da cama de Aída, que começa a mesma cantilena em polonês.

LORENZO

Oi.

Pausa sem resposta, Aída segue cantando.

LORENZO

*E ai me pergunto: que faço agora? É,
sem os bois?*

Aída e Lorenzo em monólogos acompanhados.

LORENZO

*Me diria que posso fazer muitas
coisas, mas não é o que quero. Quero
do que sei fazer, nada mais, é tão
complicado?*

Aída aumenta o tom de seu cantar, levanta-se e vira-se do costas para Lorenzo, ensaia tímidos passos com suas cadeiras. Lorenzo cala, observa-a em silêncio. Depois levanta-se, faz menção de despedida, mas Aída não o nota. Deixa o quarto.

26. Interior. Dia. Pátio interno do asilo.

Lorenzo anda em direção à porta de saída do asilo.
Quando quase a traspassa, Matilda se aproxima.

MATILDA

*Uma pergunta, seu Lorenzo, assim se
chama não é mesmo?*

LORENZO

Pois sim.

MATILDA

*É irmão de quanto tempo de dona Aída?
Digo, mais velho, mais novo?*

LORENZO

É, mais novo, isso.

MATILDA

Quantos anos?

LORENZO

Não sei, faz tempo.

MATILDA

É de onde é o senhor?

LORENZO

De Rosário mesmo.

MATILDA

*E porque a demora tão enorme para vir
vê-la?*

LORENZO

Só a descobri a pouco, bem pouco.

MATILDA

Sei, e agora, depois de tamanha ausência, têm de atualizar os papos, não?

LORENZO

Falamos de nossas vidas.

MATILDA

Viver não foi o bastante?

LORENZO

Temos de falar da vida.

MATILDA

Dia desse vou ouvir que boas histórias podem sair da boca de uma puta polaca e um... que tu faz, mesmo?

LORENZO

Mato bois. Licença.

Lorenzo deixa bruscamente o asilo.

27. Exterior. Noite. Rua central.

Lorenzo anda em meio a vitrines apagadas de uma rua comercial. Chove torrencialmente e Lorenzo pára frente a uma loja para se proteger da chuva. Lorenzo olha para o céu enegrecido, logo olha para dentro da loja. É uma agência de

viagens, Lorenzo observa com atenção um cartaz "Conheça as Patagônias - excursões acompanhadas. Grupos a partir de vinte pessoas".

28. Interior. Dia. Quarto de Aída.

Lorenzo espera frente a porta do quarto de Aída, que está sentada na cama. Berta entra no quarto, dirigindo-se a Nora, que olha petrificada o teto, deitada em sua cama. Berta faz menção de arcar o dorso de Nora, levantando-a. Aída começa a cantarolar sua música nostálgica em polonês.

LORENZO

Deixa, não precisa tirá-la.

BERTA

Deus te pague, não agüento mais seu peso.

Berta sacode a poeira do avental e deixa impaciente o quarto. Aída canta mais alto, levanta-se e ensaia discretos passos de cançã. Lorenzo observa-a por instantes, senta na cama de Nora e olha para seu rosto impassível.

LORENZO

O pior de nascer na Patagonia é a solidão, sem falar no frio.

Aída dança e canta encantada.

LORENZO

Caçávamos focas vez em quando, e lontras sempre. Gosta de carne de lontra?

Aída não responde. Norma olha o teto impassível. Lorenzo anda ao redor de Aída.

LORENZO

Certo dia resolvi que não comia mais focas, de pena sabe? E ai meu pai disse que eu não era ninguém para decidir o que comer entende? E ai, deixei a casa de meus pais, e fui morar na tundra. Nunca mais os vi.

29. Interior. Noite. Cantina.

Lorenzo come no balcão de uma cantina pobre de bairro. Uma televisão de catorze polegadas com problemas de sintonia transmite um telejornal. Lorenzo olha a televisão de quando em vez, sem prestar atenção, seu som é inaudível, leve murmurinho. De repente a televisão exhibe imagens de touros correndo soltos na rua, e uma multidão de transeuntes fugindo em festa. Entra uma legenda com o localização "Sevilha, bairro da Macarena". Lorenzo se detém pela primeira vez nas imagens, deixa de comer.

30. Interior. Dia. Quarto de Aída

Lorenzo fala sentado na cama de Aída, que dança próxima, cantando sua cantilena. Nora repousa deitada em sua cama, olhando o teto.

LORENZO

De fato não nasci na Patagônia, mas em Sevilha, sabes? E para lá retornei depois de morar nas tundras, voltei ao bairro de Macarena. Fui ser toureiro, minha profissão por muitos anos, de muita glória claro. Mas acontece que quando me fiz toureiro, não pude mais morder carne de boi.

Aída segue o baile e a cantoria.

LORENZO

Quando estava quase me aposentando das rinhas de touros, me chamam para ir torear no México. E para lá fui, fim honrado de dez entre dez toureiros sevilhanos. Mas fiquei pouco tempo no DF, não respeitavam um toureiro vegetariano.

31. Exterior. Noite. Rua comercial.

Lorenzo anda por entre as lojas fechadas. Pára em frente à fachada de um banco desativado, com cartazes de protesto, pichações e uma placa "Passa-se ponto". Lorenzo olha a placa central do banco, agora sem luz "Banco Mercantil da República".

32. Interior. Dia. Quarto de Aída.

Lorenzo está sentado na cama de Aída, com o lombo encostado no travesseiro na parede. Ao falar revela gestos novos, largos e seguros. Aída canta ao seu redor.

LORENZO

Na verdade meu trajeto de toureiro foi mais um hobby, comecei com o gosto de menino, mas logo mais as responsabilidades como único herdeiro do Banco Mercantil da República falaram mais alto. O trabalho de banqueiro era divertido, cansativo, e nessa época tomei o gosto pelos iates, velejar e pescar. Acabei com pena dos peixes, mas enfim.

Aída canta alegre, não houve a cantilena de Lorenzo, que fala para ele. Nora continua na cama ao lado, fitando o teto.

33. Interior. Noite. Quarto de Aída.

Aída olha Nora deitada na cama ao lado. As luzes já estão apagadas. Aída aproxima-se de Nora, levanta seu braço e logo o solta, sem vida. Logo Aída levanta a perna da Nora, e a solta, caindo sem peso. Nora olha o teto petrificada. Aída anda até a porta do quarto, encosta-se nela e escorrega até o chão, sentando-se calada. Olha Nora que olha o teto.

34. Interior. Dia. Quarto de Aída.

Lorenzo encosta-se na parede frontal a cama de Aída, que sentada nela cantarola mexendo em fios de lã. Nora continua prostrada a cama, fitando o teto. Lorenzo manuseia uma cigarrilha.

LORENZO

Mas de repente aquela vida de dono de banco me cansou. Muitos papéis, muitas cabeças a contar. Larguei tudo, vendi minhas ações para viver o mundo. Meu atual hobby é o de caçador desportivo. É bom porque são tiros de festim tranqüilizante, e os bichos nem morrem, digo, só alguns.

Aída deixa de cantar. Olha Lorenzo com força.

AÍDA

Como é teu nome, mesmo?

Lorenzo treme com a cigarrilha no boca.

LORENZO

Lorenzo, me chamo Lorenzo.

Aída beija-o na boca com força. Caem na cama, beijam-se com vigor. Aída começa a tirar a roupa de Lorenzo. Lorenzo tira a roupa de Aída. Na cama ao lado Nora olha impassível o teto, enquanto Lorenzo e Aída fazem amor.

35. Interior. Dia. Corredor do asilo.

Lorenzo e Aída andam de mãos dadas com as roupas amassadas, Lorenzo leva as poucas trouxas de Aída. Matilda esconde um cigarro recém aceso.

MATILDA

Mas para onde pensam que vão?

LORENZO

Vamos por uma volta, faz tempo que ela não sai.

MATILDA

Mas isso é crime, amigo. É uma enferma, sem consciência nem nada.

AÍDA

Entenda, Dona Matilda. É meu irmão caçula adotivo, e temos de visitar sem falta o túmulo de nossa avó em Varsóvia, senão perderá a vaga. E lá vamos, simples.

MATILDA

Mas isso não pode ser correto, deixar assim o asilo que por tanto tempo te cuida, e sem deixar nada em troca, nem um valor sequer. Vergonha.

LORENZO

Eu fiz a doação.

MATILDA

Que doação?

LORENZO

A última antes das reformas.

MATILDA

Mentira, sem vergonha.

Aída puxa Lorenzo, seguem em direção à saída.

MATILDA

Voltem aqui, seus putos, voltem.

Matilda tenta segurá-los, mas Lorenzo a detêm. Segura-a pelos ombros e tira-a do caminho. Matilda fica imóvel, o cigarro partido na mão, olhando-os deixarem o asilo.

MATILDA

Putos, puta, puto.

36. Interior. Noite. Rodoviária.

Lorenzo e Aída esperam na fila dos guichês da rodoviária municipal, levam poucos pertences além das duas trouxas de Aída.

LORENZO

Para que lado fica Varsóvia?

AÍDA *(rindo)*

Não lembro. Não lembro o caminho mais direto.

Lorenzo tira do bolso umas últimas notas amarrotadas de dinheiro. Chegam ao atendimento do guichê.

ATENDENTE

Quantas e para aonde?

Lorenzo olha as notas na mão, Aída olha a lista de destino colada no guichê, leva o dedo até a lista, pára perto do fim.

ATENDENTE

E então, para onde?

AÍDA

São Paulo. Duas.

Lorenzo entrega todo o dinheiro para o atendente, que devolve duas passagens e o troco. Lorenzo e Aída saem andando, Lorenzo olha o dinheiro e as passagens.

LORENZO

Varsóvia fica a quanto de São Paulo?

AÍDA

Nem sei, ao certo.

LORENZO

E então por que?

AÍDA

Era a mais longe com nome de santo.

LORENZO

É devota?

AÍDA

De São Paulo? Não, nem sei dele. Mas era preciso decidir, não?

Seguem para o embarque em silêncio.

37. Interior. Dia. Alto de arranha-céus.

Tomás observa através da mira telescópica de um rifle, do alto de um arranha-céus o trajeto da hora do rush no centro da metrópole. Uma multidão de pessoas espera a abertura do sinal de pedestres. O sinal abre, e os transeuntes disparam como uma veloz manada. Um Office-boy entra na mira telescópica. Tomás o observa por alguns instantes e dispara a arma. O Office-boy é alvejado próximo à nuca, leva a mão até lá e retira o dardo que o acertou. Tomás aciona um comando de abertura dos portões do edifício.

38. Interior/Exterior. Dia. Garagem do arranha-céus.

Dois cães perdigueiros saem da garagem assim que o portão em abertura possibilita passagem. Correm ofegantes em direção à rua movimentada.

39. Exterior. Dia. Rua movimentada.

O Office-boy está no meio da faixa de pedestres olhando atônito para o dardo que o atingiu. Os demais muitos pedestres passam por ele apressados, na iminência da abertura do semáforo para os veículos. O Office-boy consegue andar até o meio-fio, onde se senta, deixando as

pastas que leve ao seu lado. O semáforo abre, carros começam a travessia da avenida. Os dois cães perdigueiros se aproximam do Office-boy, e cada um deles pega com a mandíbula uma das pastas deixadas no chão e saem rápidos, voltando em direção ao prédio. O office-boy, estupefato com o roubo e tonto com o efeito do dardo tranqüilizante, segue cambaleante os cães. Os cães conduzem o Office-boy até a porta de serviços do edifício arranha-céus de onde saíram. Entram seguidos pelo Office-boy.

40. Interior. Dia. Vãos da escada de serviços.

Os dois cães perdigueiros sobem as escadas velozmente, carregam na boca as pastas do Office-boy, que os segue, subindo os vãos das escadas em tropeços. Sobe a cada andar mais trôpego, tonto com o efeito do dardo anestésico calmante tomando seu corpo.

41. Interior. Dia. Corredor de edifício.

Os dois cães deixam o vão das escadas de serviço e encaminham-se para o meio de um dos andares mais altos do arranha-céus. Dirigem-se à porta de um escritório, e lá param arranhando a porta com as patas. O Office-boy se aproxima da porta, e quando se curva em direção à suas pastas, desfalece desmaiado. A porta do escritório é aberta, Tomás afaga os cães, deixa-os passar enquanto arrasta o boy desfalecido para o interior do escritório.

42. Interior. Dia. Ônibus em auto-estrada.

Aída e Lorenzo tombam abraçados nos assentos do ônibus em seu trajeto na auto-estrada.

LORENZO

Porque Rosário?

AÍDA

Cheguei faz tanto tempo. Nem poderia recordar porque deixei Polônia.

LORENZO

Não, por que se chama Rosário, a cidade?

AÍDA

Pareço-te especialista em nomes? Acho que é uma coroa de rosas que oferecem a Virgem, algo assim. Que fazes tu em Rosário?

LORENZO

Não sei, nunca pensei assim, nunca sai daqui, digo de lá.

LORENZO

É verdade?

AÍDA

O que, do Rosário?

LORENZO

Não, o que dizem.

AÍDA

O que dizem?

LORENZO

Que era meretriz...

AÍDA (risos)

A virgem?

LORENZO

Não, tu...

AÍDA

E que mais dizem?

LORENZO

Não sei. Dum tal "teatro de revistas bonaerense", que não sei o que quer dizer.

AÍDA

Tudo verdade, se assim te parece.

LORENZO

Não parece nada.

AÍDA

Tudo mentira, se assim soa mais.

LORENZO

Não soa nada.

AÍDA

Então cala. Vem cá.

Os dois se abraçam fortemente, repousados nos assentos do ônibus, que segue viagem.

43. Interior. Dia. Escritório em edifício arranha-céus.

O Office-boy está deitado desacordado sobre uma escrivaninha do escritório. Tomás alimenta os cães enquanto atende ao telefone.

TOMÁS

Sei. (Pausa) Trinta e três milhões.

(Pausa) Só de juros líquidos? (Pausa)

Sei.

Tomás abre uma gaveta e pega um bilhete de vários similares que se encontram dentro.

TOMÁS

Não feche agora, espere os commodities subirem a 3,5% e aí desbanque a cartada final.

Tomás anda olhando o bilhete, logo dobra-o em quatro.

TOMÁS

(Risos) A fusão vai sair por nada, tua empresa vai quase receber para englobar a sardinha. (Pausa) Grato digo eu. Passar.

Tomás desliga o telefone e repousa-o no gancho na escrivaninha onde repousa o Office-boy. Tomás anda até a

altura do rosto do boy, coloca a notinha de papel dobrada no bolso da camisa do Office-boy.

Tomás posiciona uma escada metálica de três degraus que vai do chão ao parapeito da janela do escritório, e abre a janela, trazendo um lufar de vento que faz esvoaçar papéis no escritório. Tomás vai até o corpo desfalecido do office-boy na escrivaninha, olha seu rosto, cuidadosamente arruma o bigodinho do boy desmaiado. Olha-o ternamente. O office-boy abre os dois olhos de supetão.

TOMÁS

Calma filho, calma!

ISAÚ

Quê é isso?!

TOMÁS

Calma, calma.

ISAÚ

Onde eu estou?!

Tomás levanta Isaú apoiando suas costas. Procura algo com a vista enquanto conforta o Office-boy.

TOMÁS

Assim, levante para respirar melhor.

Calma.

Tomás com uma mão apóia o dorso de Isaú e com a outra abre e tateia uma gaveta, logo outra.

ISAÚ

Quem porra é você?

Isaú levanta-se da mesa, olha Tomás desconfiado, logo olha o local. Volta a tombar sobre a mesa, zozzo.

TOMÁS

Você foi atropelado, filho, e aqui é a enfermaria onde te cuidam, filho.

Isaú olha ao redor buscando reconhecer a enfermaria.

ISAÚ

Isso não é enfermaria, e tu não é meu pai. Cadê o soro?

Tomás retira um cartucho de dardo tranqüilizante da gaveta, aplica-o no ombro de Isaú.

ISAÚ

AHHH! Que ta fazendo, mano?!

TOMÁS

Calma, é para que passe a dor.

ISAÚ

Isso ta errado, tio... muito... errado...

Isaú desfalece, sua fala some enquanto adormece, tomba novamente na escrivaninha.

TOMÁS

Calma filho. Calma.

Tomás reconforta Isaú com carinho.

44. Interior. Noite. Escritório de Tomás.

Isaú está amarrado desacordado na escrivaninha principal do escritório. Foi preso ao móvel com cintas adesivas cinzas de alto contato. Desperta de sobressalto, assustado, tenta levantar-se, mas não consegue.

ISAÚ

*(Grito)... me solta, me soltem daqui.
Que porra é isso?*

Tomás entra calmo na ante-sala em resposta ao grito.

TOMÁS

*Por favor, te peço, não grita.
Prometo que te explico com detalhes o
que se passa.*

ISAÚ

*Que porra é isso, mano?! Você tinha
falado de um atropelamento, e de uma
enfermaria, e que porra é essa
agora?!*

TOMÁS

*Os adesivos? São para te proteger,
que não te machuques. Na verdade eu
nunca costumo falar com os Libertos,
você é uma exceção, fica contente.*

ISAÚ

Contente?! Contente com o que, seu velho puto! Me solta.

TOMÁS

E não é o caso de falar, para evitar distensões ou titubear. Mas também você é o primeiro que desperta.

Isaú passa a ouvir resignado, com atenção mui temerária.

TOMÁS

Tenho todo o cuidado com o narcótico no tiro a dardo, é a dose exata para o tempo calculado de executar a tarefa de forma limpa, e sem deixar rastro na autópsia.

ISAÚ

Que tarefa limpa de que? Que liberto, de que porra ta falando, velho? Me solta... (Grito)

Tomás fecha a janela.

TOMÁS

Pára, meu filho, de gritar, senão te faço dormir facilzinho, nenenzinho. Qual teu nome?

ISAÚ

(Pausa) Isaú.

Tomás anda vagaroso e meticoloso ao redor da mesa.

TOMÁS

Então Isaú, o que venho fazer contigo é te libertar. Calma que explico. Vai acabar agradecido, tenho certo. Minha missão, voluntária bom deixar claro, é de te libertar dessa sufocante prisão, teu ofício de contínuo, boy, Office, enfim.

Isaú ouve petrificado.

TOMÁS

Eu me encarrego do trabalho sujo de livrar uns homens de boa vontade da exploração severa, dominação branca e sem escrúpulos. Mas alguém tem de fazê-lo, não, o serviço sujo, sempre foi assim, não?

ISAÚ

(Chora) Que porra tu faz, velho...

TOMÁS

Como assim? Ah, sou Consultor Empresarial, especificamente na área das fusões e transnacionais do tipo.

ISAÚ

Por que tu ta fazendo isso comigo, velho?

TOMÁS

Tantos anos a fio no mercado financeiro me deram a iluminação, filho, além dos recursos, claro, para dar cabo ao que notei ser minha missão, libertar a vida de uns poucos homens, da pra entender? Pode soar pouco, mas é um começo.

ISAÚ

Que porra de liberação tu ta falando? Liberdade, sabe o que é? É quando juntar pro crediário da moto, e ai deixo de ser um boy merreca, saca, e vou ser MOTO BOY autônomo, saca qual é? Dono de minhas fuças para metê-las dentro do engarrafamento que quiser, ficar louco do monóxido que quiser, ao invés dessa merda de rinite do ar-condicionado de ácaros de banco. Me solta, seu porra, deixa te mostrar que liberdade te dou, velho bosta, me solta, senão mando acabar com a bosta de tua cara, mano, pois tenho altos chegados figuras no bairro, que dariam fim bonito na tua cara de velho tarado. Me solta, porra!

TOMÁS

(Risos) Entendo teu deslumbramento, mas "autônomo" de que, moto boy? Passar a ser grande merda, se agora é um pequeno merda, mas e daí, muda o que realmente? Mas entendo teu desconhecimento, até perdô. Mas vou

*acabar logo com isso, vai ser rápido,
vai ver. Só estou falando porque você
parecia mais esperto, mas não é de
verdade.*

Tomás aplica outra dose de narcótico com o agulhão do dardo.

ISAÚ

*Que merda, seu porra (grito)... tu
vai ver, velho escroto... (grito
desfalecendo)...*

Isaú desfalece novamente preso à escrivaninha.

45. Exterior. Dia. Avenida movimentada.

Um carro pousa estacionado baixo à marquise de um enorme grande prédio espigão. O sol esquenta o capô do carro branco. Uma sombra surge no meio do capô, e vai aumentando rapidamente, até cobrir todo o veículo. Um corpo cai pesado encima do carro, amassando sua lataria e disparando seu alarme. É a hora do rush, alguns transeuntes olham o corpo, depois olham o topo do edifício à contraluz do sol. Uma mulher grita chorosa e é afastada, enquanto dois policiais se aproximam do carro, olham o corpo estendido e esmagado. Um dos policiais protege a mão com um lenço azul e vasculha os bolsos do cadáver de Isaú. Passa de um bolso para outro até que encontra o bilhete melado de sangue.

POLICIAL 1

Como previa, não é Túlio²? Mais um boy suicida.

POLICIAL 2

Estranho, o terceiro que cai só esse ano.

POLICIAL 1

É o trabalho de contínuo, Túlio. Estafa demais, deprime qualquer um, rapaz.

46. Interior. Aurora. Ônibus em auto-estrada.

Aída e Lorenzo despertam abraçados, dão-se um longo e chupado beijo na boca. No meio do beijo o ônibus pára de andar, entra num engarrafamento de uma via marginal da cidade grande. Vendedores ambulantes aproximam-se dos carros parados, vendendo água, refrescos coloridos, óculos. Um ambulante passa ao lado da janela de Aída, vende câmeras fotográficas profissionais usadas, leva mais de meia dúzia penduradas no pescoço.

AMBULANTE

Sem igual, nunca visto, três por setenta e cinco e cinquenta!

LORENZO

Estamos chegando?

AÍDA

Quero uma dessas!

² **TÚLIO** (LATIM): *AQUELE QUE SE ELEVA*. "Não é o que se eleva, o que cai..."

Lorenzo saca do bolso as últimas notas amassadas, conta-as.

LORENZO

Isso dá?

AÍDA

Ei, moço, é, das máquinas! Quanto?

O vendedor ambulante se aproxima da janela do ônibus.

AMBULANTE

Setenta e cinco e cinqüenta por três, madama.

AÍDA

Mas só quero uma.

AMBULANTE

Ai fica difícil.

AÍDA

Difícil do que?

AMBULANTE

Não, ta certo, madama, fica por cinqüenta pra senhora.

AÍDA

Tenho isso.

Aída passa as notas pela janela. O ambulante conta-as desleixado.

AMBULANTE

Ta valendo, minha senhora.

Entrega uma câmera fotográfica usada e profissional pela janela para Aída. O ônibus anda alguns metros no engarrafamento, Aída olha Lorenzo pelo visor de sua nova câmera fotográfica. Lorenzo se esquiva envergonhado.

47. Exterior. Dia. Cruzamento de ruas centrais.

Lorenzo e Aída caminham por uma grande rua central da metrópole, seguem cautelosos, observam a movimentação dos cruzamentos engarrafados. Aída observa Lorenzo e o trajeto pelo visor de sua câmera fotográfica recém adquirida. Até que chegam na calçada em frente a um sinal de pedestres com sua respectiva faixa, param esperando a abertura do semáforo, recém fechado. Vários transeuntes param ao seu lado, o mais próximo é um jovem de walkman, boné e pastas marrons. O semáforo de pedestres abre, os transeuntes começam veloz trote. Aída e Lorenzo não seguem o fluxo veloz dos demais pedestres, andam lentos e com receio, dificultando a passagem do boy apressado, que tenta ultrapassagem mas é contido pelo fluxo contrário de pedestres. O Office-boy tenta outra ultrapassagem pelo lado oposto, mas não há espaço e suas pastas são derrubadas. O boy afobado se abaixa rápido para recolher as pastas e demais papéis que se espalharam na faixa de pedestres, em seguida um disparo atinge Lorenzo na omooplata dianteira esquerda. Aída e Lorenzo estão próximos à calçada contrária quando o semáforo dos veículos abre. Aída segura Lorenzo, que em choque retira o dardo cravado em seu ombro. Os dois cães perdigueiros se aproximam, o office-boy que acaba de

recolher as pastas passa veloz pelo casal, esbarra em Aída, a correia da máquina fotográfica escorre de seu ombro ao seu pulso, um dos cães morde a correia da câmera, Lorenzo vira em sua direção e desfere um soco no focinho do cão, que cai. O outro cão puxa a câmera e se afasta com ela. Lorenzo se apóia em Aída, seguem o cão rumo à entrada de serviços de um arranha-céus.

48. Interior. Dia. Escritório em edifício arranha-céus.

Tomás observa pelo visor da mira teleobjetiva de seu rifle a trajetória de um de seus cães e de Aída e Lorenzo que os seguem.

TOMÁS

Putá que o pariu, bosta de mira...

Acompanha-os com a vista até que o cão se aproxima da entrada de serviços do edifício.

49. Exterior. Dia. Entrada de serviços de edifício.

Um funcionário zelador do prédio limpa a entrada da garagem com um esfregão. O cão perdigueiro se aproxima, traz a câmera fotográfica de Aída na boca.

ZELADOR

Argos, bonito. Cadê a Lala?

O zelador abre a porta para o cão, que entra apressado. Logo surgem Aída e Lorenzo, que passam pelo zelador ainda segurando a porta.

ZELADOR

Mas agora ta pegando casais? E de velhos. Baita estranho.

O zelador volta a limpar a garagem com o esfregão.

50. Interior. Dia. Escadarias do prédio.

O cão ofegante sobe as escadarias do prédio, seguido por Aída, retardada por Lorenzo cambaleante. Sobem vários degraus.

51. Interior. Dia. Escritório em edifício arranha-céus.

Tomás deixa o rifle num armário, busca com a vista um esconderijo. Vai até a porta do escritório, abre-a e olha para o longo corredor de seu andar. Ouve seu cão ofegante subindo as escadarias. Tomás sai precipitado do escritório e fecha a porta.

52. Interior. Dia. Corredor de edifício.

Tomás anda rápido até um vão das escadas de serviço, se esconde na sombra dos degraus, olhando em direção à escada. O cão Argos chega ao corredor do andar e segue em direção à porta do escritório de Tomás. Quando chega à porta deixa a câmera fotográfica sobre um tapete de boas-vindas, e olha a porta, aguardando abertura da mesma, o que não acontece. Argos começa a ganir quando Aída e Lorenzo chegam ao corredor do andar. Lorenzo está desfalecendo, seguem até a

porta do escritório. Quando estão próximos da porta e de Argos, Lorenzo desmaia. Aída toma-o ao colo, e chora profundamente sentida. Logo Argos uiva em coro.

Tomás observa do vão da escada, e se aproxima lentamente. Argos reconhece sua presença e deixa de ganhar, indo em sua direção. Tomás aproxima-se de Aída, que chora.

TOMÁS

Calma, calma. Não chora assim. Ele desperta em meio par de horas.

Aída pára bruscamente o choro.

AÍDA

Quem é você para saber disso?

Tomás, que até agora não aparecera frontalmente, só em silhuetas ou detalhes que não bem revelavam a sua fisionomia, sai da penumbra, desvenda-se frontal para Aída.

TOMÁS

Onde acertei no ombro não é região das mais irrigadas. Foi tiro em falso, sem pontaria. Perdão.

Aída olha Tomás perplexa, sem reação, petrificada.

53. Interior. Dia. Escritório em edifício arranha-céus.

Lorenzo tomba deitado sobre um birô. Abre os olhos vagarosamente, olha ao seu lado e vê um office-boy tombado sobre outra cômoda. Lorenzo levanta-se de sobressalto.

LORENZO

Aída... Aída. Aída!

Lorenzo caminha trôpego pelo escritório, apoiando-se nas cadeiras. Vê outro office-boy em outro birô, e logo outro. São ao todo quatro Office-boys desfalecidos sobre diferentes cômodas, que em sua cabeceira trazem cada uma um despertador com uma marca diferente de horário. Lorenzo aproxima-se de um dos rapazes descordados, levanta um dos seus braços, tenta em vão acordá-lo. Lorenzo anda até a janela, olha para baixo e sente vertigem pela elevada altura. Novamente e vagarosamente põe a cabeça para fora da janela, olha para cima, céu azul claro com poucas nuvens, olha para baixo, reconhece a larga avenida onde foi alvejado. Olha para o parapeito, olha para o interior do escritório-câmara mortuária, passa uma perna para fora da janela, logo a outra, se equilibra no parapeito. Tenta caminhar até uma outra janela aberta na outra extremidade. Escorrega, tomba, quase cai. Volta para a beira da janela de onde saiu. A porta do escritório abre, entram Aída e o cão perdigueiro que levava sua câmara, seguidos por Tomás que leva o outro cão ferido nos braços.

AÍDA

Lorenzo? Ele não está mais aqui! Cadê ele?!

Tomás deixa a cadela que leva num birô desocupado.

TOMÁS

Calma, calma, te explico.

AÍDA

*Explica o quê, canalha? Quero
Lorenzo, agora?!*

Lorenzo olha assombrado pela fresta da janela, oculto do lado de fora do parapeito do escritório.

TOMÁS

*Calma, minha flor, calma. Ele logo
volta, vai ver, vai passar.*

LORENZO

Aída.

Aída ouve mas não vê Lorenzo, segue rápida em direção à janela. Lorenzo deixa ver-se no parapeito fora da janela, Aída corre animada em sua direção, Lorenzo deixa-se cair, Aída segura-o pela gola da camisa um centésimo antes que despenque no vazio da queda, beijando-o e puxando-o janela adentro.

AÍDA

Que porra ta fazendo?!

LORENZO

Que ta fazendo tu?!

AÍDA

Ia cair para onde?

LORENZO

*E onde estava você? Não entendo nada.
Medo.*

AÍDA

*Medo. Medo. Tu não vai acreditar no
que passa.*

Tomás aparece atrás deles abraçados. É a primeira vez
que vemos seu rosto.

AÍDA

Ele, ele, ele é igual a ti, olha.

LORENZO

*Mas isso não é possível. Que merda é
isso, Aída?! Ele é idêntico a mim...*

AÍDA

*Mas não é só a cara, tua historia é a
mesma da dele.*

LORENZO

*Que ta dizendo, isso é bruxaria,
coisa de feitiço ruim.*

TOMÁS

*Calma que me apresento, peço a
licença.*

Lorenzo esmurra Tomás com precisão e violência, monta
nele e sangra-o com os punhos. Tomás desmaia.

54. Exterior. Dia. Rua movimentada.

Aída está na calçada da rua movimentada abaixo do
arranha-céus, leva em mãos a mira telescópica do rifle de
Tomás, com a qual olha para a janela do escritório de

Tomás. Lorenzo equilibra-se segurando Tomás na beira do parapeito da janela, expondo-o ao vazio da queda.

55. Interior. Dia. Escritório em edifício arranha-céus.

Lorenzo segura Tomás desacordado na beira do parapeito da janela. Tomás desperta, ao som de um despertador, suspenso pelas mãos de Lorenzo.

TOMÁS

Amigo, o que é isso? Deixa te explicar tudo. Vamos conversar, sentados...

LORENZO

Olha o vão, porco. Olha e sente e vão.

TOMÁS

Por favor, amigo. Me recolhe que te faço entender.

LORENZO

Sou teu amigo porra nenhuma. Cala a boca e olha.

TOMÁS

Tudo bem, olho, mas me põe para dentro, deixa te mostrar...

Lorenzo está hipnotizado com o vazio da queda, deixa de ouvir as súplicas de Tomás, ao invés ouve mugidos de bois no abate, mescladas com o som contínuo do despertador, que

logo cessa. O cano do rifle de Tomás surge de dentro da janela apontado para a cabeça de Lorenzo, e o faz sair do transe da queda e dos mugidos, soltando gentilmente Tomás que cai gritando no vão entre arranha-céus, rumo ao asfalto da grande via engarrafada.

56. Exterior. Dia. Rua movimentada.

Aída olha através da mira teleobjetiva, mas não consegue acompanhar a queda com precisão. Corre para verificar de quem é o corpo que jaz sobre o asfalto. Em meio à pequena multidão de curiosos não consegue decifrar se é de Lorenzo ou Tomás. Aída corre apressada em direção ao prédio.

57. Interior. Dia. Escritório em edifício arranha-céus.

Lorenzo está deitado num dos birôs enquanto um dos office-boys anteriormente narcotizado aponta-lhe o rifle de Tomás, agora sem a mira teleobjetiva. Outros quatro office-boys ainda jazem desacordados em outras mesas. O boy armado e desperto reconhece um dos boys desacordados, são Lúcio e Teófilo, os dois moto-boys que costumavam suas motocicletas no trânsito matinal.

LÚCIO

Que porra que você tá fazendo? Que porra é isso, eles tão mortos?!

LORENZO

Não fui eu que fiz isso, não fui eu. Também fui desmaiado.

LÚCIO

*Se fuder, seu velho. Cala essa boca,
ou te quebro a fuça.*

Lúcio anda até o birô onde Teófilo está desacordado.

LÚCIO

Teo, mano Teo, acorde.

Lúcio levanta o corpo adormecido de Teo.

LORENZO

Ele só acorda quando o relógio soar.

LÚCIO

*Cala a boca, já disse. Acorda porra,
acorda. E como tu sabe disso, hein
velho?! Vou chamar a polícia.*

LORENZO

*A polícia não costuma ouvir os peões,
tu bem deve saber. Te acalma.*

LÚCIO

*Quer saber o que, velho?! Te apago e
me pico fora, é o melhor que faço. É
isso mesmo, te apago, pego algo de
valor, e caio fora. E o Teo, porra,
que faço?!*

O moto-boy anda confuso pelo escritório.

LORENZO

Te acalma. Eu cuido de teu amigo.

Três batidas fortes e secas soam na porta do escritório.

LÚCIO

Que porra é essa agora?! Caralho, caralho...

LORENZO

Acalma e abre a porta, te digo, garanto.

Lúcio anda em círculos. Outras três pontuais batidas soam detrás da porta do escritório. Lúcio anda rápido até a porta, titubeia com a mão sobre a chave e sua maçaneta. Em seguida abre-a. Aída entra impassível na sala, e segue rápida até Lorenzo preso no birô. O casal de cães, presos no banheiro, chora em latidos esganiçadas. Quando Aída passa por Lúcio, este aponta trêmulo a arma em sua direção. Aída calmamente abaixa o cano que se interpõe ao passar por ele. Aída chega próxima a Lorenzo, observa-o com minúcia.

AÍDA

És tu, és tu mesmo?

LORENZO

Claro que sou eu.

Aída fica pasma, imóvel, recai em seu transe de confusão mnemônica.

LORENZO

*Aída, olha, sou eu, olha para mim.
Olha pra mim, olha.*

Um despertador soa estridente. Teo remexe-se sobre a
cômoda, desperta aos poucos.

LÚCIO

Teo. Teo!

TEO

Que é isso?

LÚCIO

Sou eu, Teófilo.

TEO

*Lúcio, que sucede aqui? Que porra é
isso?! Que estou fazendo aqui?!*

Lorenzo toma Aída nos braços.

LORENZO

*Chegue perto de mim. Não precisa
falar. Não queira se mostrar. Não
queira me agradar. Não decida nem
pense. Não negue nem se ofereça. Não
queira se guardar. Não queira se
mostrar. Queira, queira³...*

Aída desperta do transe que iniciara, Lorenzo beija-a,
abraçam-se com gana. Lúcio alivia-se com a companhia do
colega moto-boy, relaxa, larga o rifle e senta ao lado de
Teo no birô.

³ Trecho de “Qualquer Bobagem” música de Tom Zé e Os Mutantes.

TEO

De quem é esse escritório?

LÚCIO

Sei lá, velho. Puta estranho isso aqui.

Lúcio levanta-se e remexe nuns papéis e documentos que preenchem o local. Aída e Lorenzo seguem beijando-se, deitam-se num dos birôs. Um despertador toca estridente, logo outro, logo mais um.

58. Exterior. Aurora. Auto-estrada.

O casal de cães perdigueiros caminha no amanhecer de uma autovia, logo seguidos por Lorenzo e Aída.

AÍDA

Não sei, mas pensei agora que não quero mais chegar até Varsóvia.

Lorenzo estanca.

LORENZO

E para onde seguimos, então? Eu que não conheço nada, nem ninguém, não posso, nem sei voltar para o rincão que me cuspiu.

AÍDA

O importante é zarpar, bobo. O resto é caminho a ser feito.

LORENZO

Seguindo que alvo?

AÍDA

Pelo trajeto do caminho, esse o alvo.

LORENZO

Louca, tu e meio louca mesmo.

Aída gargalha.

LORENZO

Te sigo sem entender.

AÍDA

Sabe o quê, ontem te imaginei como um audaz toureiro.

Lorenzo gargalha.

LORENZO

Onde já se viu?! Um toureiro velho e barrigudo, estou mais para um boi velho, isso sim.

Os cães perdigueiros voltam até Lorenzo e Aída que pausaram o passo para colóquios.

AÍDA

Não tenho dúvidas, serias o maior toureiro desses tempos, até parece que não.

59. Interior. Noite. Escritório em edifício arranha-céus.

No antigo escritório de Tomás os quatro office-boys que lá dormitavam promovem acalorada reunião.

TEO

Então, falou com quem?

LÚCIO

Chamei Zeca, que ficou de dar o toque para a galera do Capão.

Abrem os armários e as gavetas, sacam e manuseiam documentos, envelopes, boletos bancários, passando-os de mão em mão, zombando de sua atávica formalidade extraviada. Batem na porta, que é logo aberta e assim deixada. Uma pequena multidão de similares contínuos de escritório entra, se cumprimentam afáveis e animados, provocam uma algazarra, falam alto, gesticulam. Lúcio e Teófilo, à beira do parapeito da janela, se entreolham antes de jogar cada uma pasta janela afora. As pastas caem rodopiando, delas desprendem-se papéis. Logo os contínuos jogam cadeiras, logo computadores, depois os birôs e afins móveis do escritório. Chove na cidade.

60. Exterior. Noite. Auto-estrada.

Aída, Lorenzo e os cães perdigueiros seguem caminhando estrada afora. Lorenzo insinua passos de tourada com os cães, que aceitam o jogo. Caminham jogando.